

Brasília está agitada e perdida

O público está guloso, mas planejamento do Flaac dispersa a programação

Geraldinho Vieira

O Festival Latino-Americano de Arte e Cultura está modificando o perfil da cidade: desde a última sexta-feira - o final de semana foi um exemplo claro - a variedade de atrações em teatros, auditórios, espaços ao ar livre e no estádio Mané Garrincha, cortou o habitual marasmo burocrático de Brasília. A cidade quer o Flaac, está gulosa por bons espetáculos, e se não houve muito público em cada um dos eventos é porque a plateia naturalmente se divide entre suas preferências.

Apesar do alto grau de profissionalismo dos artistas e da equipe de som e luz, o show de Fagner, Beth Carvalho, Bateria da Mangueira e Mercedes Sosa no Mané Garrincha provou com todas as letras o que só não era claro para a coordenação do Festival: nenhum destes artistas tinha (tem) cacife para um show de super-mídia, para um estádio onde cinco mil pessoas simplesmente desaparecem. No sábado à tarde, enquanto "passava o som" no estádio, Sosa reclamou à imprensa: "eu não sabia que iria cantar num local tão grande". Os artistas seguraram com brilho um mínimo de vibração (ou até mais que isso), mas era simplesmente desolador ver aquela imensidão escura e vazia. O show vendeu 1426 ingressos mas o Ecad tem um registro

de 6426 entradas, ou seja, cinco mil convidados e penetras. Penetras? Isso aí: as portarias do estádio estavam tão desprotegidas que os cambistas - pasmem - vendiam ingressos já usados, com canhotos já destacados. Quem foi ao estádio reclamou também da falta de policiamento nos estacionamento: com as terríveis estatísticas de roubo de veículos na cidade, nada mais previsível do que um bom policiamento em locais escuros e onde as pessoas deixam seus carros por pelo menos duas horas. Mas o Flaac não é um festival onde as banalidades previsíveis são reconhecidas.

No dia seguinte, domingo, Gilberto Gil e Fito Paez não fizeram o show: chuviscava, a população não saiu de casa. Pouco mais de 500 pessoas foram atraídas por um Gil que já não tem força de mídia e por um Fito Paez que o Flaac não soube divulgar com letras maiores. E no Mané Garrincha o público mais sensível não vai nem que seja o último espetáculo antes do apocalipse. O som é bom, a luz é bonita, mas quem está nas cadeiras e arquibancadas só ouve a voz dos artistas... não dá pra ver nada... só na beira do palco.

Rapaziada

Na UnB, quartel general do Flaac e dos aventureiros que saem de seus estados para o Festival, o concerto organizado por Néio Lúcio (Cabeças) atraiu mais de mil pessoas e compôs

aquele velho e nem sempre desbotado clima de liberdade e alegria juvenil que costumava pisar o campus da UnB. Chinelos de couro, sapatinhos de lã, camisetas... e a impressão de que alguns destes produtos estão em exposição (à venda) desde a inauguração da universidade. Um cheirinho de rapaziada descontraída; aquela coisa ainda meio: "hippóide". Estudante é estudante. O concerto de domingo foi bonito.

O destaque do concerto do domingo no Teatro de Arena, foi o príncipe senegalês Mamour Ba em curtos dez minutos de percussão. O grupo brasileiro de frevo de Jorge Marinho colocou mais trezentas pessoas dançando com a maior energia do mundo, e o grupo de Danças Folclóricas da UFRJ (que se apresentou também na rampa da concha acústica do Parque da Cidade) mostrou um trabalho de pesquisa sobre o folclore carioca de primeiríssima qualidade. O pessoal da UFRJ divertiu crianças e adultos com um espetáculo de muita competência e simplicidade. O trabalho é dirigido por Eleonora Gabriel, figura de alta vibração no comando de sua trupe.

Na UnB não deveria faltar também uma pitada de política universitária: circulou um panfleto em repúdio às tentativas do MEC de não respeitar a vitória do Antônio Ibañez Ruiz para substituir Cristovam Buarque à frente da reitoria. Tá certo.

De qualquer maneira o concerto

não passou de uma brincadeirinha gostosa de final de tarde, com gente descontraída na plateia e grupos esforçados em cena. O que não deixa de ser muito pouco para os gastos com som, luz e pessoal de apoio. Uma série de exibições dispersas que não faz mais que ajudar a dispersar também o Flaac como um todo...

E foi também na UnB, e também como vítima da dispersão que não deixa que bons trabalhos se valorizem, que o grupo da Universidade Autônoma do México mostrou sua experiência ao ar livre - "Páramo" efeitos visuais deslumbrantes para cerca de cem pessoas que não entenderam nada.

No Teatro Nacional o público compareceu em peso, no sábado, ao espetáculo do Ballet Contemporâneo de Barcelona, e viu um trabalho de proposta interessante, bailarinos muito bons, cenários e luzes perfeitos. Tudo muito bem, mas tudo isso junto - pode parecer incrível - não conseguiu fazer de "Quomix" um bom espetáculo. Monótono. Idéias desperdiçadas.

Nas cinemas e salas de vídeo, fora o público cativo, as pessoas continuam tentando se adaptar à programação do Flaac. Uma pena... tem muita coisa boa por aí não sendo vista. A cidade é pequena para suportar dez eventos importantes no mesmo horário. No jogo de opções, todos estão dançando um pouco. Como era de se esperar.